

PORTO

PROJECTO VALORIZAÇÃO
DO ESPAÇO E DO COMÉRCIO TRADICIONAL
ATRAVÉS DA MEMÓRIA

HISTÓRIA DE VIDA DE
ISABEL MARIA MONTEIRO OLIVEIRA

Registada em 9/11/2009 por
JENNY CAMPOS E MARLENE ANDRADE

FICHA TÉCNICA

Editor:

TRENMO Engenharia S.A.
Sítos e Memórias

Fotografia:

Armando Afonso

Coordenação:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Revisão:

Jenny Campos
Liliana Monteiro

Editores:

Ana Cruz
Cláudia Simões
Jenny Campos
Joana Ribeiro
Liliana Monteiro
Marlene Andrade
Susana Pires

- 01 Mini Biografia
- 05 Ascendência: Fernando Bastos Monteiro e Lucília Silva Monteiro
- 05 Educação: *"Não era próprio para meninas"*
"Saía do colégio e vinha aqui lanchar"
- 05 Percurso profissional: *"Não me faltaram empregos"*
- 06 Lazer: *"Continuo a desenhar"*
- 07 Descendência: *"Não estão nada ligados"*
- 07 Lugar: *"Gosto muito da Baixa"*
- 07 Rua: *"É fantástico ter uma loja neste sítio"*
- 08 Animação: *"Animações para a rua"*
- 08 Loja: *"Pedro A. Baptista Lda."*
"O nome era e é muito conhecido"
"Tudo talhas antigas"
"Faço uma composição na montra"
Frommer's the Guide Book
"O primeiro S. Pedro"
- 10 Produtos: *"Acabando com a parte de antiquário"*
Casquinhas e vidros pintados à mão
"O ex-libris"
- 12 Clientes: *"Uma relação de amizade"*
"Alguns clientes vinham cá tomar o chá"
- 13 Avaliação: *"Deus queira que isso dê frutos"*

ISABEL MARIA MONTEIRO DE OLIVEIRA



Isabel Maria Oliveira (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Mini Biografia

Isabel Maria Monteiro Oliveira, filha de Fernando Bastos Monteiro e Lucília Silva Monteiro, sempre estudou no Porto no “Colégio da Paz. Tirei o Curso de Assistente de Direcção e Administração no ITFI (Instituto Técnico de Formação Intensiva)” apesar do seu sonho ser a arquitectura, tal como o pai.

Desde sempre desenhou peças para a ourivesaria “*não sei em que é que me inspiro. Viajo muito e talvez devido a isso me surjam as ideias.*”

O negócio de ourivesaria sempre foi de família e por isso acredita que a “*amizade, honestidade e transparência são os três atributos constantes*” que devem manter com os seus clientes.

Ascendência

Fernando Bastos Monteiro e Lucília Silva Monteiro

Sou filha de Fernando Bastos Monteiro e Lucília Silva Monteiro. Eram os dois sócios da loja, juntamente com o meu tio Pedro Baptista, cunhado do meu pai, que foi o fundador da casa. Esse meu tio e minha tia, irmã do meu pai, eram mais velhos 20 e tal anos que ele. Ele tinha dois anos quando eles se casaram. Quando a minha avó enviuvou, teria o meu pai 12 anos, foram viver com eles. Uma vez que não tiveram filhos, criaram-no como tal.

O meu pai formou-se em Arquitectura. Depois na fase em que o meu tio viu necessidade de ter alguém que o ajudasse, propôs-lhe vir para aqui definitivamente e largar a Arquitectura. Ele fez-lhe a vontade.

A minha mãe veio de seguida e depois, por acréscimo, viemos nós, eu e a minha irmã.

Nessa altura, esta era uma grande casa. Tínhamos uma filial em Lisboa, nas Galerias Star e outra no Algarve.

O meu tio viajava imenso. Ia muito a Londres e a Paris. Tínhamos uma secção anexa de antiguidades e então ele tinha necessidade de viajar, contactar antiquários estrangeiros e passava assim, um ou dois meses, fora do País. Era pois fundamental a presença assídua de meu pai e a colaboração sempre constante de minha mãe.

Educação

"Não era próprio para meninas"

Sempre vivi no Porto, toda a minha vida. Estudei no colégio da Paz até ao 12º ano. Tirei o Curso

de Assistente de Direcção e Administração no ITFI (Instituto Técnico de Formação Intensiva), além dos diplomas no instituto Britânico e Instituto de Alemão. Na altura, não me faltaram diversas propostas de emprego. Mas, já vinha para aqui nas férias e estava muito entrosada nisto. Sempre tive muito jeito para o desenho, herança, com certeza, de meu pai que, além de arquitecto, desenhava muito bem. Pegava no lápis e saía uma jóia.

Tenho peças muito bonitas criadas por ele. Também queria ir para arquitectura mas o meu pai não deixou. Achava que não era próprio para meninas. Penso que do tempo dele só havia uma mulher Arquitecta. Ainda cheguei a dizer-lhe:

- Eu quero ir para arquitectura.

- "Não vais, porque não é próprio para meninas."

Não me importei nada. Nessa altura, aceitava-se tudo.

"Saía do colégio e vinha aqui lanchar"

Lembro-me perfeitamente do Porto de então. Quando saía do Colégio, vinha lanchar com os meus pais aqui à Baixa. Tinha muita graça, porque íamos a um café aqui na esquina, mais ou menos em frente aos Congregados, que era muito típico, na altura. Era o café Astória. Ocupava aquela esquina da Praça da Liberdade com a Praça Almeida Garret, em cima, em frente à Estação de São Bento. Os empregados que me achavam muita graça, metiam-se comigo e diziam:

- "Então, a menina o que é que quer, o leite da vaquinha preta ou o leite da vaquinha branca?"

E eu:

- Da vaquinha branca.

Percurso profissional

"Não me faltaram empregos"

Vinha para aqui desde miúda, após as aulas ou durante as férias. O comércio nessa altura, era muito bom, muita gente, muita passagem, muito movimento.

Como falava muito bem línguas, dava uma ajuda preciosa com os estrangeiros.

Naquela altura era muito fácil mandar fazer objectos segundo a nossa criatividade, porque as matérias primas eram muito mais baratas. Pulseiras, colares, anéis, que agora até estão muito na moda, eram muitas vezes desenhados por mim - escolhia as pedras e mandava fazer . Isto claro, de atender os estrangeiros e fazer os meus desenhinhos, é tempo do passado. Agora a responsabilidade é outra e estende-se a toda a organização de uma loja.

Lazer

"Continuo a desenhar"

Continuo a desenhar, é um *hobby*¹. Agora muito menos, não terei tanto tempo. Não sei em que é que me inspiro. Viajo muito e talvez devido a isso me surjam as ideias. Museus, feiras de antiguidades, exposições, e o contacto com outra gentes, outras culturas têm a sua influência. O "Bichinho de Família" ficou por cá...

Descendência

"Não estão nada ligados"

Tenho dois filhos, mas não estão nada ligados à loja. Ele é Engenheiro Mecânico e ela Gestora, portanto, estão completamente fora do contexto do negócio. No entanto, vêm muito por cá. A vida profissional de hoje é muito complicada e o comércio também.

Lugar

"Gosto muito da Baixa"

Gosto muito da Baixa. Entendo-me muito bem por aqui. Sou apologista do comércio tradicional. Não gosto de ir aos centros comerciais. Sou fiel às mesmas lojas onde sei que sou muito bem atendida e com um carinho muito especial.

Rua

"É fantástico ter uma loja neste sítio"

Tenho ideia que esta rua se chamava primeiramente Rua Santa Catarina das Flores. A propósito de quê, não sei. Como toda esta zona fazia parte do Convento dos Lóios, Santa Catarina poderia ter sido uma das padroeiras e ter ficado o nome em sua homenagem. Posteriormente simplificaram para Rua das Flores.

Neste momento o Comércio está muito parado. Certos edifícios precisam de ser remodelados e é preciso dar uma dinâmica a toda esta zona - entrar uma lufada de ar fresco .

O dono vive por cima. O prédio aqui em frente agora tem uma gente nova. Esta zona está a atrair muitos jovens, mas os moradores não podem ser pessoas que vivam aqui e estejam a trabalhar na Maia, senão isto passa a ser um dormitório. Tem que ser gente ligada a certas artes e que

fiquem a habitar mesmo na Rua das Flores e Rua Mouzinho da Silveira. Se for gente que mora aqui, mas que vai trabalhar durante o dia todo fora a rua também fica sem gente. Aposto na revitalização da Baixa portuense e no comércio tradicional. Não há nada que chegue ao Centro Histórico, Património Mundial. É fantástico ter uma loja neste sítio. Moradores que eu conheça, só aqui ao lado. O dono vive por cima. Esta zona está a atrair muitos jovens, gente ligada às artes e que habitam a Rua das Flores e a Rua Mouzinho da Silveira e lhe dão movimento. O que faz falta é estacionamento que facilite a vida aos moradores e aos comerciantes, a preços convidativos. Ou então, utilizar o Metro, que, sem dúvida, veio solucionar muitos problemas de transporte. Eu, se tivesse metro perto de casa, garanto que o carro ficava em casa.

Animação

"Animações para a rua"

Um dos episódios engraçados, aqui na Rua das Flores, foi a rodagem de um filme com o Joaquim de Almeida e Maria de Medeiros "Sherlock Holmes e o Roubo de um Violino". Puxou à cidade imensa gente, documentou a rua e nós, na varanda do nosso prédio, assistimos a toda aquela movimentação e ficamos "eléctricos" com os preparativos e os actores, claro...

Numa outra ocasião, no quarteirão fechado ao trânsito, fizeram uma venda de velharias que trouxe muita animação e acho que seria um projecto a repetir.

Loja

"Pedro A. Baptista Lda."

Fundada em 1928, Pedro A. Baptista Lda, na Rua das Flores, 235 - Porto - é uma das ourivesarias mais conceituadas da cidade com muita tradição, prestígio e atendimento personalizado.

O horário de abertura é das 10h30 - 12h30 e das 14h30 - 19h00.

Tanto as pratas como as jóias são peças de qualidade, feitas à mão com design próprio.

Existe uma secção anexa de vidros pintados à mão e casquinhas, com um leque de ofertas para todas as bolsas.

Amizade, honestidade e transparência são os três atributos constantes desta casa quase centenária.

"O nome era e é muito conhecido"

Acho que a nossa casa tem história suficiente e é subejamente conhecida para andar a anunciá-la. O nome "Pedro Baptista" faz parte do historial dos ourives portuenses.

A revista "O Tripeiro" na rúbrica "Uma casa quase centenária" e o Jornal Expresso em "Lojas com história" publicaram artigos relativos à nossa casa desde a sua fundação. Fotografias da loja, das feiras de antiguidades, em que estávamos presentes e de peças especiais executadas nas nossas oficinas, ilustravam esses artigos.

Fizemos durante muitos anos, publicidade na dita revista "O Tripeiro", por uma questão de prestígio. Além disso, todas as pratas, criadas por nós, são puncionadas com o nome da casa "Pedro A. Baptista, Lda. - Porto" que por si, é uma forma de excelência e publicidade, embora indirecta.

"Tudo talhas antigas"

Lembro-me perfeitamente da fachada antiga da casa, uma fachada tradicionalista, um pouco sombria. Depois foi remodelada pelo meu pai, dando-lhe um carácter mais moderno, mais luminoso e mais apelativo.

Antigamente, creio que eram as duas montras seguidas. Tinha uma passagem para o segundo andar, porque nessa altura havia habitação. Quando acabaram com isso, fizeram-se as obras grandes com a porta a meio e uma montra de cada lado e já ficou sem as passagens. Claro que agora os andares de cima são para nossa utilização. São cinco andares.

Interiormente, a remodelação do tecto e sancas com aplicações de talhas douradas e antigas e de luzes indirectas, assim como os balcões de atendimento com estruturas modernas em aço sobre peças antigas, também de talha dourada, fizeram uma simbiose perfeita que se coaduna muito bem com o carácter da loja - uma conjugação de dois estilos.

"Faço uma composição na montra"

Procuro sempre fazer as montras com peças de decoração que compro e das quais vejo que posso tirar proveito - em granito, mármore, madeira, louça, vidro...

Um dia, comprei umas peças, muito chamativas, em vidro vermelho: diversos frutos e legumes entre os quais uns tomates. Chamaram a atenção de um estrangeiro que os queria comprar.

- Desculpe, mas eu não vendo. São para exposição.

- "Mas diga-me o preço. Então, fazemos assim: eu compro-lhe todos os frutos."

Eu disse:

- Também não vendo. Posso é indicar o sítio onde os comprei.

O cliente foi lá. Tinham sido todos vendidos. E, lá foi ele para a sua terra - sem os tomates! Sempre que os ponho na montra, lembro-me do caso e rio-me.

Frommer's the Guide Book

Há muitos anos surgiu um artigo com muita piada, num guia turístico americano chamado "Frommer's Guide Book". Apareciam imensos americanos com o guia na mão para conhecer a loja. Achavam imensa graça ao seu conteúdo.

Não sei se esta publicidade surgiu por contacto directo ou por conhecimento de algum editor. Falava numa caixa preta que tinha que ser requisitada. Realmente, tínhamos uma caixa preta que ainda hoje existe, com uma selecção de jóias expostas em tabuleiros, para serem mostradas a clientes especiais. Essas jóias eram oferecidas em primeira mão, pelo meu tio à minha tia, dizia o artigo. Clientes nacionais ou turistas são todos bem vindos.

"O primeiro São Pedro"

Temos, em fundo, uma Nossa Senhora do Carmo, num nicho criado especialmente para ela. A seu lado, está um São Pedro, comprado por mim num antiquário em Frankfurt. É indo-português e para mim de muito valor estimativo pois é a primeira imagem de São Pedro que a casa tem.

Produtos

"Acabando com a parte de antiquário"

Fazíamos exposições na FIL todos os anos onde se expunham as coisas antigas, coisas muito boas, tanto em móveis, como em louças, como em pratas, Companhia das Índias, pratas do século XVIII. Creio que muitas eram peças portuguesas, lá fora também aparecem muitas peças portuguesas antigas. Eu creio que o meu tio também comprava imensas coisas em Londres e Paris e a Companhia das Índias em Londres era um mundo. Quando apareciam peças portuguesas, chamavam-no para ele ir ver e depois ele comprava ou não, já se sabe. Isso era do meu tempo. Eu era pequena, mas até ia a Lisboa nessa altura com eles. Era uma presença ali. Acabou no 25 de Abril, acho eu. Agora, continua a haver, mas houve uma fase em que houve um interregno. Também era muita coisa e o meu tio desligou-se um bocado. Queria passar o testemunho. Fomos acabando com a parte de antiquário e agora é só ourivesaria.



Ourivesaria Pedro A. Baptista (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

Casquinhas e vidros pintados à mão

Agora, temos uma secção diferente. Temos vidros pintados à mão e isto tem que estar à parte da ourivesaria. Na ourivesaria, só podemos vender ouro e prata. Não podemos vender outros metais. Como tinham que estar separados, optámos pela parte do lado. Tem casquinhas ou vidros pintados à mão. Uma secção assim mais leve para quem queira gastar menos dinheiro. Podemos ter coisas estrangeiras e temos algumas coisas.

Embora pertençam aqui à casa, muitas peças nem as tenho cá. Às vezes, guardamos certos modelos. Fica sempre o modelo ali, porque também os nossos fabricantes vão mudando. No caso de um que trabalha connosco, foi passando de geração e os novos não sabem muito bem apanhar certos pormenores. Então, tendo uma peça ao lado sempre se pode basear melhor nisso e andar para a frente.

"O ex-líbris"

O ex-líbris da casa é uma terrina que foi vendida a um cliente nosso, antes do 25 Abril. Quando a empresa desse cliente foi ocupada pelos trabalhadores e entrou em regime de auto-gestão, a terrina e outras peças valiosas foram rapidamente escondidas nos depósitos de água da empresa. Aí ficaram esquecidas, até que o nosso cliente foi chamado para tomar novamente conta da empresa e, para fazer face às despesas de levantamento, decidiu vendê-la. Assim se fez a sua retoma e passou a fazer parte da casa.

Cientes

"Uma relação de amizade"

Vivemos não só do cliente que passa, mas das pessoas amigas que cá vêm e de clientes já de há muitos anos, com quem mantemos uma relação de amizade.

Agora, há muita oferta, mas ainda nos preferem.

Também os turistas fazem parte da nossa clientela, desde os que procuram a filigrana portuguesa, a pratas feitas à mão e a jóias com certa carisma, enfim um trabalho bem feito, personalizado.

"Alguns clientes vinham cá tomar o chá"

O nosso atendimento é totalmente diferente daquilo que se vê nos centros comerciais. Damos ao cliente toda a nossa melhor atenção e estamos sempre disponíveis a qualquer hora.

Não vai há muito tempo que tínhamos clientes que vinham tomar um chá e comer umas bolachinhas, muito vezes trazidas por eles próprios.

Conversávamos, vendíamos e mantínhamos uma amizade que, ainda hoje, conservamos.

Avaliação

"Deus queira que isso dê frutos"

Acho que isto é bom. Deus queira que dê frutos.



Responsáveis pela Ourivesaria Pedro A. Baptista (Porto, 2009) - Fotografia: Armando Afonso

